

OS ASPECTOS DA IDENTIDADE NACIONAL E ÉTNICA NA DIÁSPORA ZOROASTRIANA NO OCIDENTE

THE ASPECTS OF NATIONAL AND ETHNIC IDENTITY IN THE WESTERN ZOROASTRIAN
DIASPORA


Iasmin Castro de Souza

Doutoranda

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de História

Rio de Janeiro, Brasil

iasmincastrodesouza@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9083-8063>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O presente artigo versa sobre as relações dos aspectos da identidade nacional e étnica presentes na comunidade de adeptos ao Zoroastrismo no contexto da diáspora. Entre esses aspectos, foram abordados o pertencimento iraniano e persa, o pertencimento indiano e o referente ao Ocidente. Exploramos as relações entre religião, adepto e estruturas políticas, como domínios imperiais na antiguidade e estados nacionais nos tempos modernos e atuais. Para realização da pesquisa, foram analisados materiais coletados de uma pesquisa de campo na Inglaterra, materiais historiográficos, e registros retirados das mídias sociais de entretenimento (Instagram). Como pontos conclusivos, observamos uma forte conexão e uma maior evidência por parte da experiência zoroastriana na diáspora, com o pertencimento persa e iraniano. Essa relação é pautada na busca por um passado glorioso do Império Persa na antiguidade e por uma legitimação étnica como povos autênticos e originais, fazendo o uso de elementos simbólicos que possibilitam fortalecer os laços entre a religião e a cultura iraniana, sobretudo no período antigo.

PALAVRAS-CHAVE: Zoroastrismo. Identidade. Persa. Diáspora.

ABSTRACT

This article deals with the relations between the aspects of national and ethnic identity present in the community of the adherents of Zoroastrianism, in the context of diaspora. Among these aspects, it was approached the Iranian and Persian belonging, the Indian belonging, and those related to the West. The relations between religion, adherents and political structures, such as imperial domains in antiquity and nation states in modern and current times, will be explored. To carry out the research, it was analyzed materials collected from a fieldwork in England, historiographical materials, and records taken from entertainment social media (Instagram). As conclusive points, we observed a strong connection and greater evidence on the part of the Zoroastrian experience in the diaspora, with the Persian and Iranian belonging. This relationship is based on the search for a glorious past of the Persian Empire in antiquity and for an ethnic legitimacy as authentic and original people, making use of symbolic elements that make it possible to strengthen the ties between religion and Iranian culture, especially in the ancient period.

KEYWORDS: Zoroastrianism. Identity. Persia. Diaspora.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua trajetória, um indivíduo vivencia experiências de pertencimento que estão conectadas ao lugar e tempo que ocupa em sociedade. Pertencer a um grupo, um gênero, uma geração, uma religião, uma etnia, e uma nacionalidade são exemplos. Os processos de pertencimento possuem as mais variáveis conexões que formam as identidades dos sujeitos. O ato de se identificar é um fenômeno processual, em constante formação e ligação com o Outro, como apresenta Stuart Hall (2003).

As identidades ligadas ao Estado oferecem a partir do período moderno uma esfera de pertencimento a uma nação que é característica aos processos de estruturas políticas que os estados enfrentam nesse contexto. A partir desse processo, a nacionalidade de um país pode ser construída através dos aspectos geográficos, culturais, políticos, coletivos, entre outros que José Mattoso (2007) identifica. Apesar de curioso pensar em como são construídos esses processos de pertencimento nacional, neste artigo proponho pensarmos em um estágio em que os fenômenos já estão concebidos, mas em constante flutuação com os processos históricos que a nação, ou melhor, sujeitos pertencentes a uma nação estão inseridos no mundo contemporâneo.

Ao tomar o termo “construído” ou “concebido”, não é meu objetivo aqui entender a nacionalidade como um ponto estático e finalizado. Proponho pensarmos a nacionalidade a partir de uma ideia de desenvolvimento, sendo gerada a partir de uma cadeia de acontecimentos históricos. Afinal, a nacionalidade não possui certidão de nascimento, sendo duvidoso pensarmos em um ponto único e central que haveria dado luz ao fenômeno (MATTOSO, 2007).

O objetivo do artigo consiste em compreender as relações entre a identidade nacional e étnica em meio a uma comunidade religiosa no período contemporâneo. Os denominados zoroastrianos, adeptos ao Zoroastrismo, formam uma extensa comunidade, ocupando atualmente regiões nos cinco continentes do planeta, resultado da chamada Diáspora Zoroastriana. O caso da referida comunidade se torna interessante ao notarmos que em sua história, a religião passa por diferentes territórios, agregando consigo discussões relacionadas a nacionalidade e etnia. Proponho pensar no panorama atual da comunidade a partir de três aspectos de sua identidade: o pertencimento iraniano, indiano e ocidental.

Só é possível pensarmos na comunidade zoroastriana no período contemporâneo se falarmos de diáspora. Apesar de ser um ponto de conflito, defender ou não o uso do conceito de diáspora para denominar as movimentações da comunidade zoroastriana, faço uso desse aporte me inclinndo às proposições de John Hinnells (2005) e Steven Vertovec (1997). Nesse sentido, a comunidade apresenta processos de dispersões a partir de pontos comuns e manifesta formas sociais e de consciência que carregam identidades coletivas, sustentadas por um desejo e um mito de volta à terra de origem¹, assim como sentimentos de identidade a partir de experiências (positivas ou negativas) em regiões de destino (VERTOVEC, 1997).

Os encaminhamentos sobre o processo diaspórico da comunidade zoroastriana serão melhor detalhados nas páginas a seguir, organizadas em tópicos referentes aos três aspectos propostos no artigo. Contudo, antes de darmos continuidade, justifico o porquê de os três pontos em destaque serem o Irã, a Índia e o Ocidente. Tal recorte é estabelecido dado a relevância das regiões na História do Zoroastrismo e no panorama atual da religião e dos adeptos. De forma geral, a região que corresponde atualmente ao Irã foi berço do desenvolvimento do Zoroastrismo junto as dinastias do Império Persa. Séculos mais tarde, foi na Índia que o Zoroastrismo encontrou refúgio devido ao domínio muçulmano na região persa, e atualmente a maior comunidade da religião se encontra no país. Com Ocidente, faço referência a dois países: Inglaterra e Estados Unidos. São os dois maiores polos da migração zoroastriana desde o século XIX, incorporando adeptos de descendência indiana e leste africana em sua maioria na Inglaterra, e descendência iraniana e indiana nos Estados Unidos. Poderia ser abarcado outros países tanto no Ocidente como no Oriente, sendo exemplo o Canadá, a França, o Iêmen, e a Tanzânia, entretanto, esses não serão incluídos com realce pela necessidade de se estabelecer um recorte possível ao artigo e pela menor relevância tendo em mente os processos históricos dos adeptos e da religião.

A lógica do recorte da pesquisa está fortemente ligada a proposta de Sarah Stewart (2013), quando apresenta o seguinte esquema: A tradição iraniana criou o Zoroastrismo; a tradição indiana estabeleceu o Zoroastrismo; e a tradição ocidental a estudou. Por essa razão, passaremos ao longo do artigo por recortes temporais longamente espaçados, desde a antiguidade até o período contemporâneo.

¹ William Safran (1991) e Robin Cohen (1997) apontam que diáspora não seria o termo ideal para a comunidade, pois não possuem um mito de retorno e nem uma área de dispersão grande o suficiente. Contraopondo essa visão, Hinnells (2005) alega que defender esse ponto é “factualmente incorreto” (HINNELLS, 2005, p. 24) e defende que sua própria pesquisa “Zoroastrian Diaspora” (2005) é uma prova da extensão do fenômeno, sendo realizada por Hinnells em 11 países.

Importante salientarmos e diferenciarmos três percepções identitárias que serão tratadas aqui. A primeira é a identificação religiosa, já que atribuímos um recorte de uma comunidade religiosa. Aos adeptos do Zoroastrismo, esses podem ter diferentes nacionalidades. A segunda é a identificação étnica, relevante neste contexto pois tratamos de uma religião étnica, ou seja, “de um povo só”, em que não existe conversão e as práticas e crenças devem ser passadas para as gerações futuras como uma espécie de herança cultural. Nesse sentido, observaremos majoritariamente as identificações étnicas persas e parsis que discutiremos ao longo do texto. A terceira percepção é a identidade nacional, que permeia estruturas de poder e demarcação de nações, envolvendo contextos da modernidade e contemporaneidade. Aqui, a nacionalidade do zoroastriano pode ser tanto iraniana, indiana, estadunidense ou inglesa. No espaço da diáspora, o alargamento da nacionalidade é um ponto comum.

Para que o desenvolvimento dos tópicos venha a seguir, os materiais utilizados para as observações são provenientes de pesquisas de campo² realizadas na Inglaterra em 2019 ao estudar a comunidade zoroastriana inglesa no Mestrado. Como pesquisadora a frente do trabalho de campo, tive a oportunidade de realizar entrevistas com o presidente de uma instituição zoroastriana inglesa chamada *Zoroastrian Trust Funds of Europe* (ZTFE), Malcolm Deboo, e com o sacerdote responsável pela Sala de Orações da ZTFE, Ervard Yazad T. Bhadha. Foram coletados também questionários com os adeptos ingleses, além de realizar uma investigação urbana nos bairros de maioria migrante e no Cemitério Zoroastriano, localizado em Brookwood. Somadas as fontes coletadas da pesquisa de campo, também foram utilizados materiais historiográficos sendo pesquisas já publicadas por especialistas no assunto. São trabalhados também com registros retirados das mídias sociais em plataformas de entretenimento e socialização como o Instagram.

2 O PERTENCIMENTO IRANIANO E PERSA

Por volta dos anos 3.500 a.e.c, entre os povos Indo-Iranianos que habitavam regiões do Sul das estepes russas³, mais precisamente na região que se configura atualmente como o país Cazaquistão, havia um conjunto de práticas e crenças que seriam a base do desenvolvimento da estrutura religiosa zoroastriana. Zaratustra foi o profeta responsável

² Trago ao decorrer do artigo materiais coletados como fotografias e trechos de entrevistas concedidas.

³ Conhecida também como Estepe Euroasiática.

por reformar esse sistema religioso e estabelecer o encaminhamento para o que se tornaria o Zoroastrismo séculos mais tarde. A religião pode ser interpretada como a primeira monoteísta com forte presença dualista, atribuindo a fé ao deus da sabedoria e criador, *Ahura Masda*, em oposição ao ser que representa todo o mal e impureza, *Angra Mainyu*. Em muitos pontos podemos identificar conexões da religião com outras crenças monoteístas, como o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, mas isso não nos cabe aqui adentrar (STEWART, 2013).

A relação do Zoroastrismo com o pertencimento iraniano está ligada a ideia de um fenômeno consciente e coletivo, pela defesa e relevância de um passado glorioso pautado na origem persa da religião. A antiguidade passa a ser um ponto de referência e destaque para os zoroastrianos. Essa afirmação se apresenta principalmente em dois motivos. O primeiro, é pelo sentimento positivo agregado ao fato de que a religião possui uma estrutura antiga, muito mais remota temporalmente do que religiões monoteístas de grande público no cenário atual, como o Cristianismo e o Islamismo. O orgulho zoroastriano se dá em forma de “autenticidade” pela maneira que a religião se estruturou e influenciou outras crenças no desenvolver da humanidade. Dessa forma, a antiguidade é um período crucial do pertencimento para a comunidade zoroastriana.

O segundo ponto se dá pela construção de um passado glorioso pautado nos regimes políticos dos imperadores persas. De fato, o Zoroastrismo viveu momentos de soberania em algumas dinastias persas, se tornando por vezes a religião oficial do império, conjuntura que dificilmente tornará a ocorrer na história da religião após a expansão e domínio árabe muçulmano na região da Pérsia. Não à toa, a coroação do último imperador da última dinastia persa antes do domínio árabe, Isdigerdes III – o último imperador zoroastriano – é considerado em algumas versões do calendário zoroastriano como o ano zero, o ponto de partida para a virada da nova era (KREYENBROEK, 2013).

O Zoroastrismo vive sua primeira fase imperial com a dinastia dos Aquemênidas. Apesar da forte presença de divindades da cultura elamita, como o culto ao deus Humban, no período Aquemênida, o Zoroastrismo ganhou espaço com a popularidade dos sacerdotes e se tornou a preferência da corte. No período de Dario I já se tem evidências arqueológicas da influência zoroastriana na corte persa e a própria lógica dualista da religião fez parte da legitimação do poder de Dario I. O rei simbolizava o bem e a verdade (assim como o deus *Ahura Masda* e o princípio supremo da religião chamado de *asha*), e seus inimigos que deveriam ser derrotados e conquistados eram colocados como

mentirosos (assim como o princípio oposto de *asha*, chamado de *drug*) (KREYENBROEK, 2013).

A segunda fase imperial da religião aparece após o momento da invasão liderada por Alexandre da Macedônia, conhecido na cultura iraniana como, Alexandre, o Maldito⁴. A estrutura religiosa ligada ao imperador é posta ao fim e só volta a se fortalecer dinastias mais tarde com os Sassânidas. O Zoroastrismo então conhece seu auge. É nesse momento que a religião, até então disseminada pela tradição oral, se desenvolve na escrita. Os sacerdotes, possuindo um alto apreço social, materializam os ritos e práticas que antes eram memorizadas⁵ e recitadas, agora se tornam também escritas (KREYENBROEK, 2013).

Todo esse trajeto histórico da religião serve como entendimento da construção e defesa de um passado glorioso, atrelado fortemente ao pertencimento iraniano. Observamos essa conexão não apenas no discurso dos adeptos, mas na materialidade do espaço envolta a religião. Essa relação pode ser observada sob a ótica da memória e dos lugares de memória (*les lieux des mémoire*) investigados e apresentados por Pierre Nora (1993). Na perspectiva de Nora (1993) formas de expressões culturais, como um edifício, um monumento, um texto, um símbolo, podem desempenhar um papel significativo na construção e manutenção da memória de uma sociedade ou de uma comunidade. Assim, a memória relaciona-se com a identidade de um grupo e de um indivíduo por ser fenômeno essencial na atividade de se reconhecer e pertencer. A memória está presente na construção de símbolos e de um passado que legitimam determinado pertencimento. Os símbolos envoltos ao passado persa são exemplos dessa dinâmica no contexto do objeto da pesquisa, principalmente ligados a nacionalidade, um outro conceito que Nora (1993) abrange no debate.

Na Grande Londres, Inglaterra, em 1901, uma ala zoroastriana no Cemitério de Brookwood foi criada para atender as demandas da comunidade que se estabelecia no país. Na figura 01 vemos a imagem de um dos mausoléus presentes no local. A arquitetura do monumento recria a estética persa, incluindo ao lado da porta, duas figuras humanas do mesmo estilo. Encontramos figuras iguais em diversos sítios arqueológico no Irã, como na

⁴ A ideia de Alexandre, o Maldito, é significativa no contexto iraniano, de acordo com Hinnells (1996). Em seu livro "Zoroastrians in Britain", o autor afirma que "[...] *Alexander, referred to in the West as "the Great", but in Iran, as the "accursed", hated because he destroyed the splendours of Persian rule and killed the priests"* (HINNELLS, 1996, p. 02).

⁵ Mesmo após a passagem da oralidade para escrita, a memorização ainda constitui um grande nível de importância para os adeptos, até os dias atuais.

antiga cidade de Persepolis. Além das figuras humanas, em toda ala zoroastriana, nas placas, lápides e túmulos, encontramos em grande quantidade a figura do *farahavar*, talvez o mais conhecido símbolo associado a religião. Maior que um símbolo religioso, o *faravahar* é atualmente também um símbolo da cultura do Irã, utilizada por iranianos zoroastrianos ou não (inclusive na diáspora).

Figura 01 – Mausoléu da Família Tata em Brookwood, Inglaterra



Fonte: Autor, 2019.

Figura 02 – *Dar e Mehr* em Nova Iorque, nos Estados Unidos



Fonte: Site NBC News.

Figura 03 – *Atash Behran* em Yazd, no Irã



Fonte: Site Apochi

Na diáspora, o pertencimento a cultura persa também se exprime através dos “templos”. A figura 02 exhibe a fachada de um *Dar e Mehr* (Casa do Fogo) localizado em Nova Iorque, nos Estados Unidos. A construção do prédio é de 2015 e, assim como o cemitério de Brookwood, é resultado da presença zoroastriana no país do Ocidente. Observamos em comparação com a figura 03, uma construção de um *Atash Behran*, um templo zoroastriano de mais alta ordem hierárquica, em Yazd no Irã. A arquitetura é, de

maneira bem clara, semelhante. A escadaria, os seis arcos da entrada, os ornamentos das colunas, os beirais superiores e das janelas, e claro, a presença do *faravahar* na fachada superior. A semelhança da construção estadunidense em relação à iraniana não é ao acaso. Existe uma inspiração retratada no edifício que conecta a comunidade da diáspora à sua terra de origem. Uma inspiração carregada de sentidos, possibilitando enxergarmos tais espaços como lugares de memória, ou seja, espaços que selecionam e carregam uma memória (NORA, 1993).

Recentemente a Federação das Associações Zoroastrianas da América do Norte (FEZANA) realizou um evento nos Estados Unidos chamado “FEZANA AGM” que reúne o comitê da federação e os líderes das associações zoroastrianas das América do Norte para discutirem os impactos de suas ações no ano antecedente e os planos para o ano futuro. A reunião aconteceu no prédio da Associação Zoroastriana de Sacramento, na Califórnia, estado com maior concentração de zoroastrianos iranianos do que indianos.

Figura 04 – Reunião FEZANA AGM em 2023



Fonte: Página da FEZANA no Instagram, 2023.

A figura 04 se trata de uma captura de tela de uma publicação feita na página da FEZANA na plataforma digital social, Instagram. Nela, podemos ver uma fotografia do momento da reunião e alguns símbolos importantes na imagem. A figura do já conhecido *faravahar* é presente no púlpito, assim como o maior princípio da fé zoroastriana escrito próximo ao símbolo: *good thoughts, good words, good deeds*⁶. Do lado esquerdo, há a bandeira dos Estados Unidos, fazendo referência ao local em que a comunidade se situa. Indo mais além, a bandeira também traz a incorporação da nacionalidade estadunidense, que além de ser a nacionalidade de muitos adeptos zoroastrianos, também é representada através do idioma em que se encaminha a reunião. Os slides, as apresentações e a comunicação pela rede social da FEZANA são feitos totalmente em língua inglesa.

Ao lado direito, uma outra bandeira quadrada é inserida na imagem. É a bandeira símbolo da dinastia persa Sassânida, mencionada parágrafos acima. Interessante notarmos as duas referências presentes na sala de reunião da FEZANA e também enquadradas na fotografia da figura 04 (não somente nessa fotografia da publicação, mas em outras presentes na página do Instagram). A relação entre o país de destino migracional e ao passado da origem da religião são destaques para a comunidade religiosa na diáspora. São símbolos do pertencimento zoroastriano, específicos do seu contexto.

A conexão de uma construção zoroastriana no Ocidente, portando diversas referências simbólicas e inspirações à cultura persa não parece ser uma ocorrência de grande espanto, devido à proximidade histórica da religião com os persas. Existe uma lógica em buscar referências persas ao estabelecer construções zoroastrianas na diáspora (não só nas construções, mas em outras percepções identitárias, como língua, comida, vestimenta, entre outras). Se trata de uma forte conexão histórica, que é constantemente exaltada pelos adeptos, da religião com a ideia de orgulho de um passado persa.

Para uma melhor compreensão, vale lembrar que hoje o Irã é um país mulçumano, que contempla a religião islâmica em diversas repartições políticas e culturais de sua estrutura. O país passou por um êxodo no final da década de 70 com a instauração da República Islâmica, na qual a prática de outras religiões, como o Zoroastrismo, encontrou certa dificuldade. Apesar de ser considerado o berço do Zoroastrismo, os adeptos se relacionam muito mais com o passado persa do que com a conjuntura atual do país.

⁶ Bons pensamentos, boas palavras e boas ações.

Podemos associar essa forte relação com o passado persa à questão da memória e aos lugares de memória. Além de serem espaços para defesa de um ideal de nacionalidade, os lugares de memória também representam, a partir da sua presença, uma atmosfera de ameaça aos sentidos que esses lugares carregam. Como apresentado por Nora (1993), os lugares de memória ganham utilidades e sentidos quando as sociedades se encontram distantes das lembranças que esses lugares carregam (NORA, 1993). Dessa forma, podemos pensar no próprio trajeto da comunidade zoroastriana e seus processos diaspóricos na história, que contextualizam o Cemitério Zoroastriano, as instituições nos Estados Unidos e na Inglaterra como lugares de memória. Sugerindo tal visão, é possível perceber outros símbolos que também integram essa dinâmica, como o *faravahar* e a bandeira do Império Sassânida, conduzindo a memória a um caminho seletivo para a elaboração de uma identidade e de um pertencimento nacional.

3 O PERTENCIMENTO INDIANO

A primeira grande dispersão zoroastriana da história levou os adeptos a saírem das regiões do Império Persa e se acomodarem em outras regiões do centro-sul asiático. A Índia recebeu a maior parte dessa parcela e hoje, como já mencionado, é onde constitui a maior comunidade zoroastriana. Surpreendentemente, tentar entender a relação entre a nacionalidade indiana e a identificação zoroastriana parece ser a mais difícil e complexa.

Isso se dá ao fato de que parte da comunidade parsi, como são chamados os adeptos de origem indiana, não acredita ser adequado a identificação como indianos, mas sim como persas. O próprio termo parsi, significa habitantes da Pérsia⁷. Os parsis seriam então os persas que haviam saído de sua terra e se instalaram em regiões da Índia. Como a religião zoroastriana tinha caráter imperial na dinastia dos Sassânidas durante a diáspora, esses persas que chegam em locais indianos carregam também o Zoroastrismo.

A pesquisa de John Hinnells (1996) nos mostra a preferência da comunidade parsi no período contemporâneo em se afirmar persa e não indiana. A ideia é apresentada através da fala de um adepto. “A nossa comunidade, apesar de indiana no senso de que nós nos estabelecemos na Índia por gerações, não é realmente indiana” (HINNELLS, 1996,

⁷ Etimologicamente, as discussões envolvidas ao termo persa são complexas, envolvendo seu uso histórico pelos próprios persas na antiguidade, pelos gregos e pelo Ocidente no mundo contemporâneo. Até 1935, o Irã era chamado pelo Ocidente de Pérsia, mas não pelos próprios iranianos, que sempre chamaram sua nação ao correspondente de Irã. Pars ou Fars corresponde a uma província no sudoeste iraniano, que em partes corresponde também a região histórica de Pérsis ou Parsa.

p. 75). De acordo com Hinnells (1996) a comunidade teria preservado seu senso de identidade persa ao estar em um ambiente como minoria. Observamos uma ideia semelhante na seguinte imagem.

Figura 05 – Placa do mausoléu de N. N. Wadia no Cemitério de Brookwood, Inglaterra



Fonte: Autor, 2019.

Na imagem vemos duas placas na parede externa de um outro mausoléu na ala zoroastriana do Cemitério de Brookwood, na Grande Londres. Na tradução para o português, a placa diz o seguinte. “Eu sou Nowrosjee Nashirwanjee Wadia da antiga raça ariana da Pérsia, um cidadão da leal cidade de Bombaim que repousa aqui em paz sob o céu distante da famosa Grã-Bretanha”.

Nowrosjee Nashirwanjee Wadia foi um zoroastriano de origem indiana (parisi) que viveu parte de sua vida na Inglaterra no século XIX. Engenheiro, desenvolveu a empresa *Bombay Dyeing & Manufacturing Co.* na área têxtil, além de ter o nome associado a atividades de benevolência e humanitarismo. Notamos então três pontos importantes na placa presente em seu mausoléu. O primeiro, a condição de pertencimento a “uma antiga

raça ariana da Pérsia”. Sendo adepto ao Zoroastrismo, a placa estabelece uma conexão étnica entre Nowrosjee e a Pérsia. O segundo ponto, traz a nacionalidade do sujeito. “Cidadão da leal cidade de Bombaim”. Nowrosjee é de nacionalidade indiana, mas etnicamente persa. E o último ponto, “que repousa aqui em paz sob o céu distante da famosa Grã-Bretanha”, demonstra sua condição como migrante, onde viveu parte da vida e constituiu laços comerciais com o país.

O caso da placa de Nowrosjee é interessante pois representa uma grande parte da comunidade zoroastriana na diáspora, que se constitui de zoroastrianos indianos (parsis) que migraram para a Inglaterra por interesses profissionais ou educacionais. Encontramos nesse documento uma relação entre três formas de pertencimento que perpassam a identidade zoroastriana. O pertencimento como persa parece ter mais importância na frase gravada no mausoléu.

Propondo que a ideia não é unânime na comunidade, Hinnells (1996) ressalta o senso de alguns políticos parsis em se afirmarem primeiramente indianos e depois parsis, como é o caso de Dadabhoy Naoroji e Pherozeshah Mehta. Ao mencionar que esse é um posicionamento comum entre políticos parsis, a afirmação como indiano poderia ser estrategicamente uma forma de aproximação dos políticos com a população indiana. Independente de qual seja, cada afirmação sobre seu pertencimento exibe um interesse.

A pesquisa de Hinnells (1996) foi realizada na década de 80 e talvez o cenário atual da percepção parsi seja diferente. Contudo, muito anterior a esse período, um documento do século XVI constitui parte importante no processo de entendimento da relação entre parsis e persas.

A história de Sanjan (*Qesse-ye-Sanjan*, em persa) é um texto escrito originalmente em língua persa pelo sacerdote parsi Bahman Kay Kobad. O texto trata primeiramente das origens dos parsis e das jornadas realizadas pelo mar, seguindo para contos sobre a chegada nos territórios indianos, a dispersão e conflitos entre diferentes povos. Apesar do texto possuir um caráter híbrido entre narrativa histórica e contos míticos, a História de Sanjan tem um objetivo de articular a memória coletiva da comunidade zoroastriana (WILLIAMS, 2008).

Ao trata-lo como documento, a história de Sanjan nos mostra qual o discurso e qual visão sobre a chegada dos persas na região, assim como as primeiras relações com os indianos o autor gostaria de construir e disseminar. Dessa forma, o autor explica em seus relatos que a relação dos parsis com os indianos se deu de forma majoritariamente pacífica e que, apesar de uma primeira insegurança em relação ao novo povo por parte dos

indianos, os parsis demonstraram que eles agregariam à população local e adotariam a língua e as vestimentas locais, assim como não fariam o uso do porte de armas, como solicitado pelos indianos. De modo geral, é esse o cenário que Bahman Kay Kobad nos constrói.

De fato, muitos elementos locais foram adotados. O gujarate passou a ser uma importante língua na produção de textos zoroastrianos, sendo indispensável seu conhecimento para algumas leituras da religião. Certas estruturas do Zoroastrismo foram reelaboradas na Índia ao longo do tempo, como a renomeação de algumas práticas zoroastrianas que atualmente possuem denominação e segmentos diferentes no Irã e na Índia. A exemplo, o rito de iniciação ao Zoroastrismo se chama *Navjote* entre os parsis e deve ser realizado entre 7 e 11 anos, enquanto no Irã, se denomina *Sedreh-pushhi* e deve acontecer entre os 12 e 15 anos (HINNELLS, 1996).

Diante desse cenário, é possível questionar o porquê da preferência à identificação persa ao invés da indiana pelos parsis. De fato, a comunidade parsi na Índia tem sua origem com o povo persa, entretanto, essa preferência parece ser destacada por conta de uma narrativa gloriosa do passado persa e pela ênfase de distinção entre indianos e iranianos, sustentadas na narrativa do mencionado *Qesse-ye-Sanjan*. Dentro da enorme diversidade étnica e linguística que a Índia traz, o pertencimento persa parece ser um ponto de diferenciação e afirmação da identidade parsi, como minoria, nesse contexto.

Importante lembrar aqui o que Sarah Stewart (2013) propôs da Índia como um local que estabeleceu o Zoroastrismo, visto que a religião passava por uma perseguição no território de origem, com grandes possibilidades de repressão e dizimação. Para um povo que passou por uma diáspora forçada, se estabelecer em um novo local significava (re) estabelecer sua religião, passando claro por processos de assimilação e adaptação ao novo espaço. “A chave da identidade parsi é justamente a dúvida e a incerteza, se eles pertencem ou se distinguem dos indianos” (AXELROD, 1980 *apud* WILLIAMS, 2008).

4 AS NACIONALIDADES DO OCIDENTE

Com a diáspora no período moderno alcançando novos espaços em novos continentes, a questão da nacionalidade e o pertencimento entre a comunidade zoroastriana ganha outros aspectos. O primeiro país do Ocidente a desenvolver contatos comerciais com zoroastrianos foi a Inglaterra a partir do século XVIII. Como resultado, a primeira instituição

de uma religião sul-asiática a ser estabelecida no Ocidente foi zoroastriana, e criada em 1861 (nomeada atualmente como *Zoroastrian Trust Funds of Europe* – ZTFE).

A questão na diáspora envolve situações específicas desse fenômeno, que dialogam com tópicos da migração, principalmente pautados na relação com o outro (o estrangeiro). Caterina Koltai (2009) sugere que a convivência com o estrangeiro, com aquele que não é familiar, demonstra um problema social, e acarreta na efervescência dos estudos de identidade no período contemporâneo. As situações de conflitos e hostilidade que permeiam os espaços migracionais, de contato entre migrantes zoroastrianos, no caso do estudo do presente artigo, e população branca local do ocidente parecem surgir a partir da prerrogativa de se conviver com o estrangeiro.

Como conviver com o estrangeiro? Aquele que antes ocupava as cenas da TV e os livros, agora divide espaço cotidiano com a população de outra nacionalidade.

Não há amor entre os irmãos sem rejeição ao estrangeiro, e é esse o limite do amor ao próximo como a si mesmo. É segregativo porque fundado na identificação. [...] Quando o estrangeiro ainda estava a distância, podia ser visto como um ser exótico e exercer ora certo fascínio, ora um medo razoável. Mas, a partir do momento em que se tornou próximo, demasiadamente próximo, como nos dias atuais, em função da globalização e das novas migrações, ele causa mais do que medo, ele causa pavor. É assim que aquilo que ainda era tolerável quando o estrangeiro estava longe, torna-se insuportável a partir do momento em que se aproxima demais. Nessa hora parece que todos demônios acordam (KOLTAI, 2009, p. 145-146).

Pois então, como o pertencimento zoroastriano e a questão da nacionalidade se dão nesse ambiente? Em sua pesquisa com base na década de 80, Hinnells (1996) traz o depoimento de um adepto que levanta a seguinte problemática “como você se identifica se os outros não reconhecem o que você é?” (HINNELLS, 1996, p. 235). Essa fala está localizada na Inglaterra e apresenta a dificuldade em se identificar a partir do Outro. É preciso da relação de alteridade para que se constitua um pertencimento (HALL, 2003). Logo, quando o Outro, no caso a sociedade britânica, não conhece o Zoroastrismo, a possibilidade para que o imigrante se reconheça é desafiadora.

Com isso, muito imigrantes zoroastrianos acabam encontrando na religião um ponto de apoio diante da hostil sociedade ocidental. Como parte dos resultados de minha pesquisa de mestrado, a experiência de cada adepto é distinta, e apesar de possuir pontos de identificação coletiva, a comunidade é heterogênea e as dessemelhanças de experiências se dão por diferentes variáveis, sejam elas a idade, a geração migracional, o local que habita, o gênero, o meio de trabalho, o nível de instrução educacional, entre outras. Ao

passo que temos adeptos que relatam se sentirem britânicos mesmo tendo sido educados dentro da fé zoroastriana, temos outros adeptos que sentem não possuir um lar – “Nós somos persas que não temos um verdadeiro lar”⁸ – e outros que dizem que “a cultura britânica é muito hostil aos de fora, especialmente com os de cores diferentes”⁹.

E quais os desafios de pertencer (ou não) a uma nação ocidental? Se for preciso historicizar o sentimento de hostilidade descrito pelo adepto, podemos pensar na onda conservadora anti-imigração que varreu a sociedade inglesa e resultou no *Brexit*, por exemplo. Nada mais do que um resultado de um movimento que é pautado no conceito de superioridade étnica, disseminada principalmente durante os processos colonizadores e imperialistas britânicos.

Apesar do Reino Unido não possuir mais colônias desde o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), a mentalidade de império colonizar permanece, incitando comportamentos racistas, xenófobos e conservadores, e acarretando em políticas que enrijecem o controle de fronteiras em território nacional (FIGLINO, 2018, p.13).

A perspectiva da hostilidade não precisa ser exclusividade inglesa. O comportamento da sociedade estadunidense também é resultado de decisões e estratégias políticas dos governos como quando, relacionado ao Oriente Médio, nos deparamos com os diversos conflitos travados entre os Estados Unidos e países ou grupos de países da região (Irã, Iraque, Afeganistão, Iêmen, entre outros). Esses processos históricos podem trazer uma relação incômoda da sociedade de origem com os imigrantes, resultando em atritos, generalizações, estereótipos e preconceito.

Como elaborado por Mattoso (2007), o fenômeno da nacionalidade se trata de uma definição de uma comunidade, separando-a de um conjunto mais vasto, e se destacando a partir de características que diferem um do Outro. A partir disso, podemos pensar em que ponto as relações com o Outro e as barreiras da diferença são construídas para que o adepto imigrante mencionado parágrafo acima se sinta britânico. Talvez a partir de fenômenos objetivos ou conscientes, como trabalhados por Mattoso (2007), possibilitam o adepto a reconhecer comportamentos, língua, vestimentas, que associam a uma coletividade britânica. Essa não é necessariamente a mesma experiência para toda comunidade zoroastriana.

A questão da nacionalidade estadunidense e inglesa também são pontos de reflexão. Quando Hinnells (2005) conduziu sua pesquisa na década de 80 e investigou as

⁸ Fala de um adepto concedida durante o trabalho de campo para a pesquisa de Mestrado.

⁹ Fala de um adepto concedida durante o trabalho de campo para a pesquisa de Mestrado.

comunidades em 11 países, as gerações eram diferentes se compararmos com um possível estudo a ser feito no presente ano. Atualmente temos o enorme impacto do desenvolvimento da internet e das mídias sociais, assim como novas produções culturais, novos empregos e funções, novos estudos... além claro do impacto da pandemia do COVID-19. Todas essas variáveis impactam nas percepções dentro da concepção de ser zoroastriano e de pertencimento a uma comunidade religiosa e também a uma nacionalidade, seja ela estadunidense ou inglesa.

Num quadro geral, a maioria dos zoroastrianos ingleses são provenientes de famílias indianas e do leste africano, e dos zoroastrianos estadunidenses, de famílias iranianas e indianas. Somente essa informação já traz um ponto de partida diferente (HINNELLS, 2005).

Com o desenvolvimento dessas comunidades nos dois países ocidentais, que datam desde os séculos XVIII e XX, respectivamente nos casos da Inglaterra e Estados Unidos, novas noções de pertencimento foram criadas a partir das duas nacionalidades diferentes. Apesar do pouco estudo sobre esses casos, podemos levantar a ideia de que as comunidades estadunidense e inglesa se organizam de formas distintas. Visto num primeiro ponto, a própria presença de instituições zoroastrianas espalhadas pelos territórios indica um alvo de análise. Na Inglaterra há bem menos prédios zoroastrianos se comparado aos Estados Unidos, que apresenta associações em estados como Nova Iorque, Delaware, Illinois, Califórnia, Huston, Nevada, entre outros. Esse fato parece seguir a lógica de que a comunidade inglesa se autoproclama mais próxima as “diretrizes” e as estruturas parsis na Índia, enquanto nos Estados Unidos, parecem ter a intenção de propor uma organização para além do que é aconselhado pelos parsis e seguido pelos ingleses.

O ponto chave aqui é pensar como as formas de pertencimento nacional e étnico se organizam na comunidade zoroastriana na diáspora. Trabalhamos parte desse assunto nos dois tópicos acima, principalmente ao falarmos da questão persa e iraniana e em como a comunidade na diáspora faz o uso de um passado glorioso persa ao estabelecer sua religião em diferentes países. O que acontece é que a religião possui a capacidade de construção de um passado comum, no qual adeptos de diferentes origens são conectados pelo passado persa do Zoroastrismo. Se questionarmos um zoroastriano se ele enxerga diferenças entre a religião em diversos locais, ao passo que receberemos respostas apontando certas distinções, receberemos também respostas como “Não tem diferença

nenhuma. Você continua a seguir sua religião”¹⁰ ou então “Não, eu penso que ser zoroastriano de coração é ser zoroastriano em qualquer lugar em que ele ou ela esteja”¹¹. São respostas que buscam uniformizar a experiência zoroastriana. Penso que os adeptos que correspondem a essa ideia não necessariamente discordam com as respostas inversas de outros zoroastrianos (que mencionam as diferenças). Para alguns, as adaptações que ocorrem na religião podem significar um ponto negativo, uma perda de credibilidade, quase uma sensação de constrangimento como se a religião perdesse suas raízes e seus valores. Dessa forma, não enxergar mudanças é criar e expor a imagem de uma religião intocável, muito maior do que as trepidações dos trajetos históricos.

5 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Ao adentrarmos a esfera da comunidade zoroastriana na diáspora, nos deparamos com uma relação entre os aspectos da identificação nacional e étnica do adepto. Nessa relação, nem todos aspectos se constituem com a mesma intensidade. Eles sofrem flutuações e desequilíbrios. Observamos que essa relação é mantida e justificada a partir do trajeto histórico do Zoroastrismo como uma religião fortemente atrelada ao fenômeno da diáspora, como proposto aqui. Para percebermos as formas como a religião pensa sua etnia e sua nacionalidade, tivemos que nos debruçar na antiguidade e percorrer as dinastias do Império Persa, assim como processos de expansão dos árabes e o assentamento de parte da comunidade em território indiano.

De modo geral, como pensamos a identidade no âmbito de nacionalidade entre os zoroastrianos? Através das argumentações feitas neste artigo, podemos observar uma maior ênfase ao pertencimento persa e iraniano da comunidade diaspórica, não só relacionados ao uso de símbolos referentes a esse passado, mas também ao sentimento identitário de ser originalmente persa. É uma concepção construída e pautada no já mencionado passado imperial persa, em que a religião zoroastriana ocupou espaço oficial na sociedade (como religião oficial do Império) e estruturou sua materialidade nos anos de desenvolvimento na dinastia Sassânida, através da passagem dos textos sagrados da oralidade para escrita.

A forte referência persa encontra-se na comunidade independente da origem do adepto. Seja ele de origem indiana, paquistanesa, tanzaniana, entre outras, a identidade

¹⁰ Fala de um adepto concedida durante o trabalho de campo para a pesquisa de Mestrado.

¹¹ Fala de um adepto concedida durante o trabalho de campo para a pesquisa de Mestrado.

religiosa tem por efeito legitimar um pertencimento a uma nação comum, construído e utilizado em um passado glorioso, que deve ser carregado com orgulho.

A comunidade zoroastriana ganha então um novo aspecto com o fenômeno da diáspora expandindo suas fronteiras. As nacionalidades estadunidenses e inglesas entram no conjunto e inserem questões problemáticas a partir do contato direto entre imigrantes e a sociedade de destino, envolvendo reações distintas a partir das variáveis condições do imigrante. Nesse sentido, compreender as relações com o Outro parece fundamental para entendermos os usos da nacionalidade entre a comunidade zoroastriana. A aproximação com uma identidade estadunidense ou inglesa, ou então a repulsa como reação pelas experiências que denunciam uma sociedade hostil.

REFERÊNCIAS

AXELROD, Paul. Myth and Identity in the Indian Zoroastrian Community. **Journal of Mithraic Studies**, v. 02, Londres, 1980.

COHEN, Robin. **Global Diasporas**: an introduction. Londres: UCL Press, 1997.

FIGLINO, Beatriz. A validação da exclusão do imigrante em esferas representativas na campanha pela Brexit. **Revista Pensata**. Vol. 07, n. 01, São Paulo, 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HINNELLS, John R. **Zoroastrians in Britain**. Oxônia: Clarendon Press, 1996

HINNELLS, John R. **The Zoroastrian diaspora**: Religion and Migration. Oxônia: Oxford Press, 2005.

KOLTAI, Caterina. A recepção nacional do estrangeiro no mundo globalizado. In: VIEIRA, Liszt. **Identidade e Globalização**: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural. Rio de Janeiro: Record, 2009.

KREYENBROEK, Philip G. Zoroastrianism as an imperial religion. STEWART, S. (org). **The everlasting flame: Zoroastrianism in History and Imagination**. Londres: Tauris and Co Ltd, 2013.

MATTOSO, José. **O essencial sobre a formação da nacionalidade**. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo. (10). Dez, 1993.



SAFRAN, William. *Diasporas on Modern Societies: Myths of Homelands and Return*. **Diaspora: a journal of transnational studies**. Vol. 1, p. 83 – 99. Toronto University Press, 1991.

STEWART, Sarah (org). **The everlasting flame: Zoroastrianism in History and Imagination**. Londres: Tauris and Co Ltd, 2013.

VERTOVEC, Steven. Three meanings of “Diaspora”, exemplified among South Asian Religions. **Diaspora: a journal of transnational studies**. Vol. 6, p. 277 – 299. Toronto University Press, 1997

WILLIAMS, Alan. The structure, significance and poetic integrity of the Qesse-ye-Sanjan. In: HINNELLS, J.; WILLIAMS, A. (org). **Parsis in India and the Diaspora**. Oxônia: Routledge, 2008.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

OS ASPECTOS DA IDENTIDADE NACIONAL E ÉTNICA NA DIÁSPORA ZOROASTRIANA NO OCIDENTE

Iasmin Castro de Souza

Doutoranda

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de História

Rio de Janeiro, Brasil

iasmincastrodesouza@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9083-8063>

FINANCIAMENTO

Bolsista CNPq.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 02/05/2023

Aprovado em: 25/08/2023

